

A LINGUAGEM REGIONAL – POPULAR NO NORDESTE DO BRASIL: ASPECTOS LÉXICOS

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

Os estudos lingüísticos no Nordeste têm se destacado em determinadas áreas, em momentos diferentes. Assim, tivemos uma fase da Dialetoologia e Geografia Lingüística e uma fase, atual, da Sociolingüística, cada uma dessas fases abordando aspectos específicos da análise lingüística da Língua Portuguesa, desde o fonético-fonológico, ao léxico e ao morfossintático.

De alguns anos para cá tem surgido uma nova onda de estudos dialetais e sociolingüísticos com enfoque no aspecto léxico, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regionais nordestinos, começando pela Bahia, com o do baianês, passando por Alagoas, com o do alagoanês, por Pernambuco, com o do pernambucquês, pelo Ceará, com o do cearês e pelo Piauí, com o do piauiês.

Essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o *Vocabulário pernambucano*; Leon Clerot (1959), com o *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*; Raimundo Girão (1967) com o *Vocabulário Cearense*; Horácio de Almeida (1979) com o *Dicionário popular paraibano*; Raimundo Nonato (1980) com o *Calepino potiguar - gíria riograndense*; Tomé Cabral (1982) com o *Dicionário de termos e expressões populares*; Leonardo Mota (1982) com o *Adagiário brasileiro* e Florival Seraine (1991) com o *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará*.

Uma das características dos novos dicionários, vocabulários e glossários é que seus autores não são lexicógrafos ou lingüistas. São pessoas com outras formações profissionais: jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, crêem eles, são típicas daquele estado específico.

Este trabalho faz uma rápida análise da estrutura desses dicionários, vocabulários e glossários regionais nordestinos.

1. LÉXICO, SOCIEDADE E CULTURA

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas lingüisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados, pois, no dizer de BARBOSA (1981:158): “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interação continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo...”

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Ainda segundo BARBOSA (1993:1): “... o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.”

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-lingüístico-cultural, ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

O linguísta francês MATTORÉ ao estudar a sociedade francesa viu a política social, o jornalismo, as artes e os esportes através do que chamou **palavras-chave**, as que exprimem, numa sociedade, uma idéia, um ser, um sentimento que a sociedade reconhece como modelo, e as **palavras-testemunho**, como elementos em função das quais se hierarquiza e se coordena a estrutura da comunidade.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Todo ato ou todo objeto ideológico é sempre acompanhado, comentado, analisado, glosado por discurso, na medida em que a ligação que une linguagem e pensamento é uma ligação de unicidade.

O discurso é determinado pelas condições sócio-históricas de sua produção, do mesmo modo que os objetos ou as formações ideológicas são condicionadas por pertencerem a um corpo social no momento de sua história.

O léxico (dicionário, vocabulário, glossário), enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Assim, como vimos, não se pode estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade e a cultura nas quais o falante está inserido.

2. OS DICIONÁRIOS, VOCABULÁRIOS E GLOSSÁRIOS REGIONAIS NORDESTINOS

Vistos os aspectos regionais e sociais da linguagem, as relações entre léxico, cultura e sociedade e sua formalização lexicográfica em dicionários, vocabulários e glossários, surge a questão que divide os especialistas: os chamados **dicionários regionais**, são dicionários, são vocabulários ou são glossários?

Se tomarmos a posição de MULLER-BARBOSA (1994), os consideráramos vocabulários, uma vez que suas unidades se constituem norma no falar de um estado ou região e de uma classe definida socioculturalmente. Esta afirmação pode levar a outras discussões e maiores especificações, porém, para nosso objetivo, continuaremos a usar o termo dicionário, que é o utilizado pelos autores dos “dicionários regionais” que iremos analisar.

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico.

Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região, e é nesse aspecto que vamos ver como se comportam os dicionários regionais populares da região nordestina.

Analisamos oito dicionários: da Bahia, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Piauí e do Maranhão. Desses, dois são mais tradicionais, o da Paraíba, de Horácio de Almeida, historiador e dicionarista e o do Rio Grande do Norte, de Raimundo Nonato, cronista riograndense do norte. Os outros seis são mais novos: o da Bahia, de Nivaldo Sariú; o de Alagoas, de Elza Cansação Medeiros, jornalista e militar, ex-combatente na Itália; o de Pernambuco, de Bertrando Bernardino, engenheiro, o do Ceará, do engenheiro Marcus Gadelha, o do Piauí, do jornalista Paulo José Cunha e o do Maranhão, de Domingos Vieira Filho. Esses têm nomes de baianês, alagoanês, pernambucquês, ceará e piauiês, palavras criadas pelos autores para se referir aos falares desses estados.

- Apenas o do Ceará e o da Bahia não apresentam exemplos ou abonações, os demais vêm com contextos que esclarecem melhor o conceito;

- Deles, apenas o da Paraíba tem a categoria ou classe gramatical das palavras e expressões;
- As palavras e expressões vêm na forma como são faladas e não na ortografia padrão. Muitas vezes, estão numa transcrição quase fonética, como em *arrudiar*, (arrodear) *balai* (balaio), *caboco* (caboclo);
- Os verbos não vêm na forma infinitiva, e os nomes não vêm no masculino singular, como de praxe nos dicionários;
- Os dicionários de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí são de médio porte; os da Bahia, Alagoas, Ceará e Maranhão são pequenos, do tipo livro de bolso;
- Os da Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Maranhão têm um caráter mais sério, lingüístico e mesmo lexicográfico. Os da Bahia, Ceará, Piauí e Pernambuco são mais descontraídos, de gozação, sem qualquer preocupação lexicográfica.

2.1. Exemplos de formas comuns em alguns dicionários

Abestado - abobalhado, bobo, otário, idiota. (CE, PI). A PB, BA e PE apresentam a variante **abestalhado**. Aurélio Buarque registra como brasileirismo a forma **abestalhado**.

Aperreado - irritado, agastado, angustiado, contrariado, afobado, atormentado, cheio de preocupações. (AL, PB, CE, PE). O MA apresenta a variante **Avexado**. Aurélio Buarque registra como brasileirismo.

Arre-égua - interjeição que pode significar qualquer coisa, a depender do tom de voz e da ocasião: alegria, irritação, surpresa, enfado, contrariedade. (CE) Há ainda as variantes **Ai-égua** (AL), **Arre-lá** (PI), **Arre-Elza** e **Arre-ema** (CE). Aurélio Buarque registra apenas a forma **arre**, para designar cólera, enfado.

Assanhada - moça exibida, saliente, namoradeira, avoada, fogosa, espevitada, sem compostura, sem termos de gente. (AL, RN, PB, PE). Há, também, o conceito de despenteada. Aurélio Buarque registra como brasileirismo (2) irrequieto, buliçoso, turbulento, e como familiar (4) erótico, namorador.

Dar fé - perceber, observar, dar por si, reparar, tomar tento. (PB, RN, CE, PI). Aurélio Buarque não registra.

Descansar - dar à luz, parir, ter filho. (BA, AL, PB, RN, CE, PI). Aurélio Buarque registra como brasileirismo.

Gastura - indisposição estomacal, enjôo, náuseas, sensação de fome, sensação desagradável produzida pelo tato, audição ou ao sabor. (BA, AL, PE, PB, RN, CE, PI, MA). Aurélio Buarque registra como brasileirismo.

Inticar - ter prevenção ou má vontade contra alguém, implicar, provocar, ficar de marcação. (BA, AL, PB, RN, PI). Aurélio Buarque registra como provincianismo lusitano e açoriano, forma **enticar**.

2.2. Exemplos de formas específicas de alguns dicionários

4.2.1. Dicionário do Baianês

- ❖ Abafa banca - espécie de picolé caseiro
- ❖ Arabaca - carro velho
- ❖ Bibiano - lamparina

4.2.2. Dicionário de Alagoanês

- Abaferro – trabalho intenso
- Bulutrica – algo incompreensível
- Cafinha – pessoa impertinente, ranzinza

4.2.3. Dicionário de Pernambuco

- ❖ Alfenim - pessoa de modos delicados
- ❖ Buruçu - confusão
- ❖ Ferrolho - homem fiel a uma mulher

4.2.5. Calepino Potiguar

- ❖ Café de parteira – café frio, choco
- ❖ Dizer missa – encher o tempo com conversa fiada
- ❖ Espingarda – concubina, amancebada

4.2.7. Dicionário do Piauí

- ❖ A caldo de pinto – chateado, irritado
- ❖ Cismar da boneca – teimar
- ❖ Furupa – farra, algazarra

4.2.4. Dicionário Paraibano

- Acender a venta – farejar vantagens
- Bacalhau – mulher alta e magra
- Caixa d'água – cachaceiro, beberão

4.2.6. Dicionário do Ceará

- Carne de tetéu - pão duro
- Chapéu de touro – chifre
- Fuampa – mulher da vida

4.2.8. Dicionário do Maranhão

- Agafe - alfinete de segurança
- Lençol - mau pagador
- Maranha - lábia, falácia

3. CONCLUSÃO

Pela rápida análise que realizamos nos oito dicionários regionais do Nordeste, pode-se concluir que as palavras e expressões consideradas de cada um desses estados, na realidade a grande maioria é encontrada, também, nos demais estados do nordeste. Das treze palavras analisadas, apenas três não são registradas no Aurélio, as demais são registradas como brasileirismo, dessas, apenas três são registradas como brasileirismos do Norte e/ou do Nordeste e apenas uma diz que é uma forma popular.

Uma pesquisa mais aprofundada poderá nos dar uma visão melhor do que se pode considerar léxico regional nordestino e léxico de linguagem popular brasileira e não apenas léxico nordestino.

Isto poderá ser mais um caminho para comprovar uma de nossas hipóteses ao trabalharmos com linguagem regional/popular, ou seja, para nós as diferenças diatópicas não são muito significativas. O que é mais marcante, são grandes diferenças diastráticas no léxico da língua portuguesa do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. Campina Grande: Grafset, 1984.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- _____. et al. *Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.
- BARBOSA, M.A. *O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos*. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. *Anais*. Assis; UNESP, 1993.
- _____. *Dicionário de língua, vocabulários técnico-científicos, glossários: estatuto semântico-sintático das unidades-padrão*. Estudos Lingüísticos XXIII. *Anais de Seminários do GEL*, v. I. São Paulo: 1994.
- BERNARDINO, Bertrando. *Minidicionário de pernambuquês*. 2ª ed. Recife: Bagaço, 1996.

- CLEROT, L.F.R. *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (Estudo de glotologia e semântica paraibana). Rio de Janeiro: s.ed. 1959.
- CUNHA, Paulo José. *Grande enciclopédia internacional de piauiês*. s.n.t.
- GADELHA, Marcus. *Dicionário de cearês*. Fortaleza: Multigraf, 1999.
- GARCIA, Tarcísio. *Dicionário do cearas*. As palavras, as expressões e como usá-las. Fortaleza: Livro Técnico.2000.
- GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: UFC, 1967
- GONÇALVES, J.R. *Pequeno vocabulário popular do Maranhão*. São Luís: s.ed.,s.d.
- INÁCIO FILHO, José. *Vocabulário de termos populares do Ceará*. Etimologia e tradições. Fortaleza: Livro Técnico, 2001.
- LARIÚ, Nivaldo. *Dicionário de baianês*. Salvador: s.ed.1991.
- MEDEIROS, Elza Cansação. *Dicionário de alagoanês*. Maceió: UFAL, 1997.
- NAVARRO, Fred. *Dicionário do nordeste*. 5000 palavras e expressões. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- NONATO, Raimundo. *Calepino potiguar- gíria riograndense*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.
- PEREIRA DA COSTA, F.A. *Vocabulário pernambucano*. Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano - Separata do volume XXXIV. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- PONTES, Carlos G. *Super dicionário de cearas*. Fortaleza: Livro Técnico, 2000.
- SERAINE, Florival. *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará*. Fortaleza: Stylus, 1991.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *A linguagem popular do Maranhão*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979.